

SOLITÁRIA, DE ELIANA ALVES CRUZ: TRABALHO DOMÉSTICO, RACISMO E INFÂNCIAS INTERROMPIDAS

Luciana Ferreira Leal (UNESPAR – Paranavai)
Selma de Moraes Kunzler (UNESPAR – Paranavai)
Kleber Kurowsky (UNESPAR – Paranavai)
João Carlos Dias Furtado (UENP – Cornélio Procópio)

Introdução

O romance *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz, apresenta uma narrativa marcada pela crítica às desigualdades sociais, ao racismo estrutural e às relações de poder que atravessam o trabalho doméstico no Brasil. A obra acompanha a trajetória de mulheres negras e pobres que vivem em constante condição de invisibilidade social dentro de espaços de luxo ocupados pelas elites urbanas. Por meio das personagens Eunice, Mabel, Irene e Luzia, o romance evidencia como as relações entre patrões e empregados domésticos ainda reproduzem heranças coloniais profundamente enraizadas na sociedade brasileira, marcadas pela exploração, pelo silenciamento e pela negação da humanidade de sujeitos historicamente marginalizados.

A narrativa também problematiza a interrupção da infância de meninas negras e pobres, obrigadas precocemente ao trabalho e ao cuidado dos filhos das elites. Ao retratar crianças transformadas em “miniaturas de adultos”, a obra denuncia a naturalização histórica do trabalho infantil doméstico e das desigualdades de oportunidade entre diferentes grupos sociais. Ademais, o romance constrói fortes paralelos com acontecimentos reais do Brasil contemporâneo, especialmente casos envolvendo violência social e negligência contra crianças negras, ampliando o impacto político e social da narrativa.

Outro aspecto relevante da obra é a representação dos espaços domésticos como territórios de controle e exclusão. As entradas de serviço, os quartos de empregada e os ambientes luxuosos dos apartamentos tornam-se símbolos materiais das divisões de classe e raça que estruturam a sociedade brasileira. Nesse contexto, a invisibilidade das trabalhadoras domésticas surge como mecanismo de sobrevivência e imposição social, exigindo silêncio, submissão e apagamento de desejos e subjetividades.

Dessa forma, *Solitária* (2022) dialoga diretamente com debates contemporâneos sobre gênero, raça, classe e trabalho, tornando-se uma importante obra para reflexão crítica sobre as permanências coloniais na sociedade brasileira. Ao abordar temas como racismo estrutural, exploração do trabalho doméstico, maternidade, violência simbólica e desigualdade social, o romance reafirma o papel da literatura contemporânea afro-brasileira como espaço de denúncia, memória e resistência.

Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo analisar como o romance *Solitária*, de Eliana Alves Cruz, constrói uma crítica social às desigualdades estruturais brasileiras por meio da representação do trabalho doméstico, da invisibilidade

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

social de mulheres negras e das infâncias interrompidas. Busca-se compreender de que maneira a narrativa evidencia as permanências históricas do racismo estrutural e das relações de exploração herdadas do período colonial, especialmente no contexto das relações entre patrões e empregadas domésticas.

Pretende-se também refletir sobre as relações entre gênero, raça e classe presentes na obra, a partir das trajetórias das personagens Eunice, Mabel, Irene e Luzia, observando como suas experiências revelam processos de silenciamento, apagamento social e negação de direitos. Além disso, objetiva-se analisar a representação das crianças negras e pobres na narrativa, destacando a perda precoce da infância e a naturalização do trabalho e da responsabilização infantil em contextos de vulnerabilidade social.

Outro objetivo consiste em investigar a construção simbólica dos espaços no romance, como os quartos de empregada, áreas de serviço, entradas secundárias e apartamentos de luxo, compreendendo-os como representações materiais das divisões sociais e raciais presentes na sociedade brasileira. Busca-se ainda identificar de que forma o romance estabelece diálogo com acontecimentos reais e contemporâneos do Brasil, especialmente casos envolvendo violência, negligência e desigualdade social relacionados às populações negras e periféricas.

Por fim, o trabalho pretende discutir a relevância da literatura afro-brasileira contemporânea como espaço de denúncia, resistência e reflexão crítica, evidenciando o papel da escrita de Eliana Alves Cruz na problematização das desigualdades sociais e na valorização das vozes historicamente marginalizadas pela sociedade brasileira.

Materiais e métodos

A presente pesquisa possui caráter bibliográfico, qualitativo e analítico, fundamentando-se na leitura crítica do romance *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz. A investigação parte da compreensão da literatura como espaço de representação social, memória e denúncia, especialmente no que se refere às experiências historicamente silenciadas de mulheres negras e trabalhadoras domésticas na sociedade brasileira.

Como aporte teórico, o trabalho dialoga com as reflexões de Angela Davis (2016), que discutem as articulações entre raça, gênero e classe e evidenciam como mulheres negras ocupam historicamente posições de exploração e vulnerabilidade social. Além disso, mobilizam-se as contribuições de Lélia Gonzalez (2020), especialmente no que se refere às permanências coloniais nas relações sociais brasileiras e à condição da mulher negra na estrutura social do país.

No campo literário, a análise aproxima-se das discussões sobre escrevivência propostas por Conceição Evaristo (2020), compreendendo a escrita de autoria negra como espaço de resistência, memória e visibilidade das experiências marginalizadas. Nesse sentido, considera-se que a narrativa de Eliana Alves Cruz articula ficção e crítica social ao representar sujeitos historicamente invisibilizados pela sociedade brasileira.

Metodologicamente, foram observados elementos narrativos do romance, como a construção das personagens, a alternância de vozes narrativas, os espaços simbólicos e os episódios centrais da obra. A análise concentra-se especialmente nas representações do trabalho doméstico, das desigualdades sociais, da invisibilidade de mulheres negras e das infâncias interrompidas. Também se buscou identificar aproximações entre a narrativa ficcional e acontecimentos reais da sociedade brasileira contemporânea, evidenciando o caráter crítico e político da obra.

Resultados e Discussão

O romance *Solitária* (2022) estrutura-se em três partes com diferentes vozes narrativas, ampliando as perspectivas sobre as desigualdades sociais e raciais retratadas na obra. A primeira parte é narrada por Mabel, filha de Eunice; a segunda por Eunice, empregada doméstica que trabalha há anos no edifício de luxo; e a terceira pelos próprios quartos: os espaços “solitários” destinados aos trabalhadores do prédio. Essa multiplicidade de vozes permite ao romance apresentar diferentes experiências de invisibilidade, exploração e resistência dentro da estrutura social brasileira.

A obra evidencia como o trabalho doméstico opera como espaço de reprodução de desigualdades sociais, raciais e de gênero na sociedade brasileira. Desde a infância, Mabel acompanha a mãe, Eunice, no trabalho em um edifício de luxo, percebendo as divisões simbólicas entre empregados e patrões. No capítulo “Planta baixa”, a menina relata a primeira vez em que entra pela porta da frente do prédio porque a mãe havia esquecido a chave da área de serviço. O episódio provoca profundo incômodo em dona Lúcia, revelando como os espaços sociais são rigidamente delimitados para empregados e patrões. A entrada social e a entrada de serviço tornam-se símbolos materiais das hierarquias de classe e raça presentes na narrativa. Nesse sentido, o romance dialoga com as reflexões de Lélia Gonzalez (2020) sobre as permanências coloniais na sociedade brasileira e a posição historicamente subalternizada da mulher negra no espaço doméstico.

A narrativa também denuncia a negação da infância para crianças negras e pobres. No capítulo “Piscina”, Irene, babá negra de apenas treze anos, é responsabilizada pelo afogamento de Bruninho, filho dos patrões, após ausentar-se por poucos minutos enquanto passava mal. A cena é narrada por Mabel de maneira fragmentada: “nas minhas lembranças as imagens são borradas” (Cruz, 2022, p. 23), enfatizando o trauma vivido pela personagem. A obra explicita a naturalização histórica da adultização precoce de meninas negras ao afirmar: “a gente sempre foi miniatura de adulto” (Cruz, 2022, p. 26). Essa representação aproxima-se das discussões de Angela Davis (2016), ao evidenciar como raça, gênero e classe atuam conjuntamente na manutenção de estruturas de exploração que atingem especialmente mulheres negras e crianças pobres.

Outro aspecto relevante do romance é a invisibilidade exigida das trabalhadoras domésticas. No capítulo “Área de serviço”, Eunice afirma que, para sobreviver naquele espaço, era necessário “se tornar invisível” (Cruz, 2022, p. 97). O silêncio, o apagamento e a submissão aparecem como mecanismos históricos de manutenção das hierarquias sociais dentro dos apartamentos de luxo. A

descrição dos quartos de empregada, dos corredores de serviço e das áreas destinadas aos trabalhadores evidencia a separação simbólica entre os corpos considerados pertencentes ou não àquele espaço social. Tal representação aproxima-se das reflexões de Lélia Gonzalez (2020) sobre as permanências coloniais na sociedade brasileira, especialmente no que se refere à posição historicamente subalternizada da mulher negra e à naturalização de relações sociais marcadas pela exploração, pelo silenciamento e pela exclusão.

A obra estabelece ainda forte diálogo com acontecimentos reais do Brasil contemporâneo, especialmente com o caso Miguel, ocorrido em 2020. Na segunda parte do romance, narrada por Eunice, Gilberto, filho da empregada Luzia, cai da cobertura do edifício enquanto sua mãe vai buscar os ingrediente que faltavam para preparar a feijoada para os patrões. Antes da tragédia, Camila, filha de dona Lúcia, havia ficado responsável pela criança, mas negligencia o cuidado com o menino. Após a queda, dona Lúcia tenta convencer Eunice a dizer à polícia que era ela, Lúcia, quem estava no apartamento no momento do acidente, buscando proteger a filha, Camila, de qualquer responsabilização. A cena denuncia a desvalorização das vidas negras e pobres e evidencia como o trabalho doméstico frequentemente obriga mulheres a escolher entre sobreviver economicamente ou cuidar dos próprios filhos.

Além das críticas sociais, a estrutura narrativa do romance amplia sua dimensão simbólica. Na terceira parte da obra, intitulada “Solitárias”, os próprios quartos tornam-se narradores da história. O quarto de empregada, o quarto do porteiro e o quarto do hospital testemunham dores, silenciamentos e violências acumuladas ao longo de gerações. Essa escolha estética enfatiza a ideia de que os espaços também carregam memórias das desigualdades e dos sofrimentos vividos por sujeitos historicamente marginalizados. A estratégia narrativa aproxima-se da noção de escrevivência discutida por Conceição Evaristo (2020), ao transformar experiências de exclusão e resistência em matéria literária e política.

Desse modo, *Solitária* (2022) constrói uma narrativa crítica sobre as permanências coloniais no Brasil contemporâneo. Ao representar mulheres negras submetidas à exploração do trabalho doméstico, crianças privadas da infância e relações sociais marcadas pela desigualdade, Eliana Alves Cruz confirma o papel da literatura afro-brasileira contemporânea como espaço de denúncia, memória e resistência.

Considerações finais

Solitária (2022) constitui uma importante narrativa da literatura contemporânea brasileira ao problematizar questões relacionadas ao racismo estrutural, ao trabalho doméstico e às desigualdades sociais. O romance evidencia como mulheres negras permanecem submetidas a processos históricos de invisibilização e exploração, ao mesmo tempo em que denuncia a interrupção de infâncias e sonhos produzida pelas desigualdades de classe e raça.

Além da crítica social, a obra apresenta possibilidades de resistência por meio da educação, da denúncia e da recusa ao silêncio. Dessa forma, o romance de Eliana Alves Cruz contribui para debates fundamentais sobre gênero, raça e

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

direitos humanos, reafirmando o papel da literatura como espaço de reflexão crítica e transformação social.

Referências

- CRUZ, Eliana Alves. **Solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.